



## APRESENTAÇÃO

### **Claudimar Alves Durans**

Doutoranda em História e Conexões Atlânticas pela UFMA, Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-brasileiros da UFMA, Professora da Educação básica SEMED São Luís Editora da Kwanissa – Revista de Estudos Africanos e Afro-brasileiros – [claudimar.durans@ufma.br](mailto:claudimar.durans@ufma.br)

Chegamos ao final de mais um ano em pandemia com mais de 5 milhões de pessoas mortas no mundo, embora as estatísticas oficiais nos dão esses dados, infelizmente a perspectiva que se tem é que seja um número muito maior, haja vista, as subnotificações. Os países tidos como em desenvolvimento, como Brasil, alguns países da América e alguns da África figuram em números absolutos na pandemia. Esse fato ominoso veio acompanhado de denúncias sobre a desídia, incompetência e corrupção das autoridades na gestão sanitária da COVID-19, vide a CPI da covid, no Brasil.

O mundo todo voltou-se, na tentativa de frear a quantidade de mortes, por uma doença que, embora desconhecida, possuía protocolos comprovados cientificamente que poderiam ser usados para arrefecer o crescimento de casos e contaminação. Pesquisadores de todo mundo se uniram na tentativa de descobrir a cura para a COVID-19 e a vacina contra o sars-cov-2. Fato que ocorreu em tempo hábil, pois a ciência respondeu a contento a esse mal que assolou a humanidade, foram criadas vacinas, protocolos, utilizando as mais vastas metodologias. As vacinações só não ocorreram de forma mais rápida devido a “desconfiança” de algumas autoridades, que por má fé ou incompetência não autorizaram a utilização das vacinas existentes, entre outros aspectos.

É importante frisar que os problemas sociais de toda ordem ocasionados por fenômenos naturais como chuvas, secas, enchentes ou infecções microbiológicas por bactérias e vírus – como a pandemia do coronavírus – costumam ser percebidas e representadas pelo discurso dominante como universais, democráticos e inevitáveis.

Em regra, esses acontecimentos causam profundos danos ambientais e humanos possibilitam mais doenças, miséria e mortes, por um lado; e, por outro, ampliação da exploração da classe trabalhadora que é instada a trabalhar mais, a se submeter a condições altamente insalubres e combater esses problemas por meio de seu esforço físico e mental. Esses danos são apresentados como se atingissem a todos de forma democrática e universal. A inevitabilidade

dos fenômenos naturais e doenças microbiológicas atingiriam ricos e pobres; brancos e negros; homens, mulheres e LGBTs da mesma forma. Mas será que é assim mesmo? Será que a pandemia do novo coronavírus é democrática e universal? Afirmamos que a resposta é um sonoro: Não! Pois, em verdade, trata-se de um discurso mistificador que busca ocultar desigualdades de classe, gênero e raça e a recepção desigual dos problemas oriundos dos fenômenos supramencionados; do mesmo modo, que oculta a apropriação desigual da riqueza e dos benefícios sociais, culturais e psicológicos de quem detém o poder econômico, político e a propriedade privada.

Dessa feita, destacamos que a pandemia do coronavírus de democrática não tem nada, e que afeta sobremaneira a população negra e pobre, moradora das periferias, favelas e palafitas dos grandes centros urbanos. Nesse sentido, a cidade – tornada símbolo da modernidade e do desenvolvimento capitalista – é, de fato, para as classes populares, em especial para os negros e negras, um espaço de segregação, racismo e reprodução da desigualdade social, que superdimensiona os impactos causados por qualquer fenômeno, natural ou microbiológico. Isto quer dizer, em bom português, que os males do capitalismo e da cidade capitalista, tem seus alvos preferenciais para as doenças, misérias e genocídios. Mesmo quando a burguesia não consegue impedir que seja atingida por qualquer problema social ou natural; a ela, sempre restam os benefícios de suas mansões, fazendas, piscinas, condomínios fechados, hospitais superequipados, delivery e diversões de todo o tipo.

Sabemos, a partir de Marx (2013), que o Capitalismo não sobrevive sem a desigualdade social e a miséria que causa sobre a maioria da população mundial. São bilhões de pessoas submetidas à exploração e opressão em nome do lucro e da propriedade privada. Nessa lógica, a vida humana é descartável se não tem condições de gerar mais valia ou se tornar um *homo economicus*. Desde o seu nascimento, espoliando a África, a América e a Ásia, além de expulsar camponeses de suas terras, matar indígenas e produzir exploração em todos os continentes, que o capital provoca carnificina, escravização, produção da miséria e doenças, muitas doenças. E, depois de suscitar tudo isso, responsabiliza os pobres, negros e indígenas pelos males que os acometem.

Assim, a crise sanitária afetou a necessidade de reorganização das condições de execução das atividades de trabalho, o aumento das taxas de desemprego e a precarização vida em sociedade que produziu um legado sem precedentes na manutenção da base dos empregos

formais e informais, especialmente entre trabalhadores e empresas mais vulneráveis aos efeitos da crise econômica associada à pandemia (Cruz, et al, 2020). Constatou-se mudanças inesperadas e generalizadas nas condições de vida, trabalho e convivência social, como aumento da pobreza, desemprego e milhares de pessoas locupletando o mapa da fome e alguns poucos enriquecendo seus próprios bolsos, tornando-se milionários. Além dos riscos à saúde física e mental foram exacerbados durante e após os períodos críticos da pandemia (Vindegaard, & Benros, 2020)

Nesse sentido, em meio à crise pandêmica do coronavírus, os dados clínico-epidemiológicos do mundo e do Brasil mostram que negros são quatro vezes mais vulneráveis. Isso não se deve a fatores genéticos, mas essa diferença reflete a desigualdade socioeconômica e de acesso ao sistema de saúde. A população, sob maior risco são pobres, de baixa escolaridade, alta incidência de doenças crônicas que tiveram os sintomas mais graves da COVID-19. Essas pessoas são, na sua maior parte, negros e a pandemia esta só afirmou desigualdades raciais e socioeconômicas que antes já eram conhecidas. Entretanto, como vimos, enquanto os intelectuais, os movimentos sociais e, sobretudo o Estado não reconhecer a existência do racismo entranhado em nossas instituições e no corpo burocrático estatal para tomarem medidas concretas no sentido de combatê-lo, a gestão estatal e as políticas públicas terão ainda pouca efetividade quando pensadas em relação à população negra.

Para a produção do conhecimento, se por um lado acentuou crenças sobre o valor e mérito da produção da ciência, por outro gerou um sentimento de desconfiança sobre o seu papel. Compreender essa dicotomia é parte das tensões políticas, científicas e sociais que vivemos. Nesse sentido, a pandemia pode durar potencialmente um longo período e seu impacto na ciência e na sociedade contemporâneas provavelmente será sentido, também, por um longo tempo.

Dessa forma, em meio a pandemia e ao isolamento social, a produção científica também precisou se reinventar, criar novos canais de interlocução, realizar ações conjuntas para fortalecer-se, realidade bastante diferente. No Brasil, as universidades públicas tem recebido atualmente menos recursos para cumprir o ensino, pesquisa e extensão, os três pilares desta, o que levou a dificuldades novas, limitações físicas, orçamentárias e estruturais,

Produzir conhecimento, ou seja, fazer ciência é um processo complexo que envolve pesquisadores, acadêmicos, estruturas físicas, horas de dedicação, testes, erros acertos, começo,

recomeços, mudanças de percursos, buscar novas metodologias, ou seja um processo delicado que exige dedicação, uma pesquisa não é algo se faz da noite pro dia, é um processo desafiador e atualmente presenciamos cortes e redução de valores de bolsas para pesquisa.

Mas estamos produzindo conhecimento a partir de novos paradigmas, de novas perspectivas. Assim, agradecemos a todas e todos que permitiram que esta publicação pudesse ser viabilizada. Agradecemos imensamente às autoras e autores que, mesmo diante das adversidades impostas pela pandemia, submeteram artigos e resenhas. Agradecemos aos pareceristas que avaliaram os trabalhos mesmo estando todos assoberbados de trabalho., especialmente as/aos autoras/autores deste número por suas contribuições, às/aos pareceristas da revista que possibilitaram mais uma vez que esta publicação fosse possível, ao editor-chefe Sávio, sempre atento e atencioso a tudo.

Para este número da KWANISSA foram reunidas contribuições cuja preocupação ou interesse se concentra em examinar aspectos históricos e culturais em torno das relações étnico-raciais utilizando-se de fontes diversas produzidas nas mais diferentes temporalidades. Há também textos de pesquisadores dos mais variados campos e pesquisando diversas territorialidades, o que faz com que a revista se apresente como um espaço marcado pelo diálogo interdisciplinar, evidenciando variadas metodologias e estão ancorados em um leque de diferentes linhas teóricas.

Iniciamos este número com o artigo Ancestralidade reveladas, onde as autoras discutem se as pesquisas relacionadas aos contextos das identidades culturais dos escravizados acompanharam a expansão do campo científico da Arqueologia, a partir da reflexão bourdieuniana de campo. Na perspectiva adotada, foram considerados os estudos voltados para sítios, vestígios, paisagens e remanescentes humanos relacionados à diáspora africana no Brasil – aqui entendido como Arqueologia da Diáspora Africana.

No artigo, Comunidades quilombolas em Santana dos Matos, sertão do Rio Grande do Norte, RN: invisibilidades étnico-racial e social mostrar a identificação dos Territórios Negros no município de Santana do Matos, RN, em seus aspectos histórico, social, econômico e ambiental; elaborados de forma resumida, a partir do olhar dos moradores desses territórios.

Já, o artigo Ordem escravocrata e resistência “negra”: quilombo, mestiçagem e uma sociabilidade negociada traz a discussão da relação entre cor, status social e poder no sistema escravista aponta para a existência de uma sociabilidade específica, marcada tanto pela violência quanto pela disputa entre as diferentes denominações fenotípicas, consiste em

relacionar a resistência negra quilombola com uma sociabilidade escravista em que qualquer ato ou posição que fosse visto como um comportamento marginal poderia ser utilizado tanto por senhores como por escravos, pretos e pardos livres para criminalizar aqueles que lutavam fora dessa relação negociada.

Greetings in africa – beyond the handshake an essay on greeting and leave-taking rituals as communication practice in Sub-Saharan African Agrarian Societies traz a discussão sobre os rituais de saudação e despedida em sociedades agrárias africanas, que são uma parte essencial dos processos de comunicação que constituem essas sociedades como entidades coletivas. Por meio de formas elaboradas de saudação e despedida, as pessoas iniciam e encerram os processos de comunicação e interação dentro de uma estrutura de identidades e culturas coletivas.

No artigo A luta do movimento negro pela educação traz alguns apontamentos acerca da luta do Movimento Negro pela Educação no Brasil e demonstrando que a crítica contra as cotas para negros nas universidades sustentada pela classe dominante brasileira é Para tanto, traça um breve histórico da educação no Brasil e do Movimento Negro em suas diversas fases durante a República (1889-2000), mostrando seus principais atores e suas propostas; finalizando com a apresentação de duas importantes conquistas recentes do MN no campo da educação e como isso vem contribuindo para reduzir os índices de desigualdade social na sociedade brasileira.

Em Desigualdade racial em Rio Raposo, Colômbia: desafios educacionais e justiça social em tempos de pandemia mostra a situação de desigualdade racial na área do Rio Raposo localizada em El Tigre, região do Pacífico colombiano, cujo território é enquadrado pela desigualdade racial, social, cultural, política e econômica, o que tem gerado vulnerabilidade máxima entre as comunidades que lá vivem. Esta situação de exclusão e de desatenção aos problemas dos seus habitantes, que hoje atingem um maior impacto devido aos efeitos da pandemia, é abordada através da história e narrativa de uma professora do ensino secundário, cujo exercício pedagógico se dá no Jaime Roock Instituição acadêmica. Seu depoimento torna-se uma voz que reflete a violência e o conflito que afetam este território, bem como os desafios educacionais que antes, durante e depois da pandemia exigem uma postura crítica,

O artigo Parâmetros histórico-culturais para a discussão sobre identidade negra no Brasil traz o resultado de pesquisas sobre a temática identidade. Sabe-se que a discussão sobre identidade está fortemente associada a outros conceitos imprescindíveis na análise da realidade

social; entre esses, destacamos a questão da identidade negra no Brasil. Além das reflexões teóricas, utilizaram-se alguns jornais da imprensa negra no Brasil.

Em “Resistência religiosa e cultural em comunidades quilombolas do estado de Rondônia” analisa-se as singularidades que demarcam a constituição da cultura religiosa dos remanescentes de quilombolas do Vale do Guaporé, localizado no Estado de Rondônia. Trata-se de um estudo qualitativo no qual colaboraram nove membros de duas comunidades, com idades entre 29 e 65 anos. Os resultados foram analisados de acordo com a técnica de análise de conteúdo. As novas configurações religiosas e o êxodo rural dos remanescentes são percebidos como ameaça à cultura religiosa local.

No artigo Democracia e direitos humanos na Guiné-Bissau, anos 1990 analisa a democracia e os direitos humanos na Guiné-Bissau em diálogo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos e Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos, aplicado ao contexto guineense. Analisa também a transição de regime político autoritário à democracia e os desafios e lutas contra a violação dos direitos humanos a partir de análise de dados sobre o processo histórico iniciado com a colonização, luta de libertação, independência e democratização acerca da democracia e dos direitos humanos, entendidos, aqui, como um leque de significados produzidos dentro de um determinado contexto, valores e direitos às liberdades fundamentais dos indivíduos.

Já o artigo, “Quem te disse que o negro nasceu pra ser escravo?” memórias de liberdade, narrativas de autonomia nos caminhos de mato e a formação de um grande território negro na região de Itapecuru-Mirim/MA, apresenta narrativas e memórias do período do pós-abolição (1888- 1950) em territórios quilombolas de Itapecuru Mirim. O trabalho foi realizado a partir de revisão bibliográfica e de entrevistas com lideranças dos territórios quilombolas.

“Os manuais escolares de Cabo Verde (1994-2018): a construção da identidade nacional cabo-verdiana em questão” se insere no campo dos estudos sobre livros didáticos ou manuais escolares como materiais formativos e constitutivos do currículo escolar, com foco na representação da diversidade étnico-racial e de gênero, apresenta os resultados da análise realizada dos manuais escolares de língua portuguesa de Cabo Verde, no período de 1994 a 2018. A partir da análise de três coleções, com 12 manuais do ensino básico, abordando, neste artigo, as representações de: a) criança e infância; b) língua e linguagem; c) história e identidade cabo-verdiana, que perpassam os manuais aliados ao contexto histórico e político do período

analisado, bem como a política de elaboração destes materiais. A principal hipótese defendida no trabalho é que o processo de escolarização, mesmo após a independência do país, ainda coexiste com um projeto de desaffricanização de Cabo Verde, que se reverbera nos materiais produzidos no próprio país.

No artigo “Diversidade étnico-racial, currículo e ensino de língua portuguesa: avanços e desafios dos cursos de graduação da UFMA” traz resultados de uma pesquisa de natureza documental, analisando projetos políticos pedagógicos, ementas e programas de disciplinas, com ênfase na análise dos currículos produzidos a partir de 2003, em função da sanção da lei 10.639/2003, dos cursos de Letras, habilitação Português/Espanhol e suas respectivas Literaturas, e do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, da Universidade Federal do Maranhão. Com base no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2010).

“Educação antirracista uma prática para todos/as, um compromisso ainda de poucos/as” discute sobre aprendizagens ocorridas na oficina: “Reflexões e Práticas para a Construção de uma Educação Antirracista” realizada por membras do Grupo ErêYá. À luz da produção teórica de Carneiro (2005), Gomes (2005), Munanga (2004) Pereira e Dias (2019).

Em “Relações étnico-raciais no curso de pedagogia e estratégias docente” traz o relato as experiências teóricas vivenciadas durante a formação docente, nas aulas da disciplina seminário de pesquisa, que trabalha a temática das relações étnico-raciais no curso de pedagogia, da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), utilizando como a metodologia revisão de literatura sobre as obras articuladas no plano de curso e que foram utilizadas durante as aulas ao longo de um semestre, analisando as leituras obrigatórias e as complementares, a partir de experiências e estratégias pedagógicas construídas por educadores para trabalhar as temáticas das relações raciais no contexto escolar.

“As raízes de um pomar em labirinto: o texto de fronteira e a fronteira do texto de raiz marcadamente africana” elaborado como um texto mosaico que se articula com escritores que tangenciam as marcas da nação africana, tendo a metáfora da fronteira como um campo do imaginário muito similar a um pomar-texto donde se colhem as palavras-fruto, como sementes de liberdades imantadas na natureza. Os poetas fertilizam o corpo da escrita como o agricultor lavra a terra resolvendo-a, à busca do fruto-imagem que converge como identidade.

Em “Um olhar sobre a mulher negra no conto maria, de Conceição Evaristo” as autoras investigam a condição da mulher negra na literatura afro-brasileira. Analisando de que maneira a violência de gênero está ambientada no conto “Maria. O argumento central é de que pouco a pouco a literatura afro-brasileira vem ganhando espaço.

No artigo “As músicas tradicionais moçambicanas como fonte de construção das identidades socioculturais” resulta da implementação do Projecto “A criatividade artística e hermenêutica das músicas moçambicanas: caso dos distritos de Chibuto, Dondo, Angónia, Mueda e Mecubúri” financiado pelo Fundo Nacional de Investigação (FNI), executado por pesquisadores da Universidade Pedagógica de Maputo analisa o papel das músicas tradicionais moçambicanas no processo de construção das identidades socioculturais e a contribuição na preservação das músicas e culturas locais. Defende a tese segundo a qual as músicas tradicionais moçambicanas constituem o arcabouço cultural, fonte das identidades socioculturais e meio sobre qual se socializam os sentimentos, as emoções, os valores culturais, os ensinamentos, etc.

Já em “Educação superior do negro pertencente á classe popular: uma luta histórica” analisar a trajetória de egressos negros em Instituições de Ensino Superior entre os anos 2003 a 2020, pertencentes à classe popular, em São Paulo. foi desenvolvida uma pesquisa exploratória, qualitativa, junto a 14 alunos egressos da universidade privada. Esta investigação empírica revelou, entre outros aspectos, necessidade de aprimoramentos nas Políticas de Ações Afirmativas, considerando a desigualdade social vivida pelos grupos estigmatizados, em particular o negro.

“O legado de geografia da fome e a atualidade do pensamento de Josué de Castro no contexto brasileiro” objetiva deste ensaio é debater e resgatar a obra Geografia da Fome, traçando um paralelo com a insegurança alimentar que o país vivencia no atual período histórico, na tentativa de também suscitar e despertar interesse em jovens geógrafos e outros pesquisadores sobre a obra de um dos mais profícuos intérpretes do Brasil.

Em “Nossa escola é o território sagrado”: memórias, histórias, sustentabilidade, encantos e encantarias, no enfrentamento aos impactos da pandemia. Discorre sobre o reconhecimento da potencialidade social, econômica, cultura e espiritual que é o Território Quilombola Mariano dos Campos e a importância desse Território Sagrado no enfrentamento aos impactos da pandemia.



O artigo “A reconfiguração da intimidade e da sexualidade entre os cabo-verdianos: etnografias das redes sociais” analisa como se reconfigura a intimidade e a sexualidade nas redes sociais entre os cabo-verdianos trazendo algumas reflexões sobre as redes sociais no contexto da globalização; a emergência de novos tempos e novos espaços, com repercussões na intimidade e sexualidade online; a fabricação de corpos nas redes sociais e as mudanças nas relações de gênero.

Encerrando o dossiê temos o texto A música que acolhe: uma experiência exílica em “Também os brancos sabem dançar” traz a resenha do livro do músico e escritor Kalaf Epalanga Alfredo Ângelo, recém-lançado no mundo da literatura, nasceu em 1987, na cidade de Benguela, em Angola, que traz em sua obra diálogo que marcam a vida do autor, como identidade, migração e angolanidade.

No mais, desejamos às/aos leitoras/leitores uma boa leitura e que estes trabalhos possam contribuir imensamente com suas produções de conhecimento. Cuidem-se!

### **Referências Bibliográficas**

CRUZ, N. M. L. V. et al. Apoio psicossocial em tempos de COVID-19: experiências de novas estratégias de gestão e ajuda mútua no sul da Bahia, Brasil. APS em Saúde, v. 2, n. 2, p. 97-105, 2020

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I - o processo de produção do capital. trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

Ministério da Saúde. Coronavírus e novo coronavírus: o que é, causas, sintomas, tratamento e prevenção. <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus> (acessado em 27/out/2021).

SANTOS, MÁRCIA PEREIRA ALVES DOS et al. População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. Estud. av., São Paulo, v. 34, n. 99, p. 225-244, Ago. 2020. Disponível em . Acesso em 02 Nov. 2020

VINDEGAARD, N.; BENROS, M. E. Covid-19 pandemic and mental health consequences: Systematic review of the current evidence. Brain, behavior, and immunity, p. S0889-1591(0820)30954-30955, 2020.